

# Atos

## “Paulo, Você Fez o Quê?” (21:17–26)

Chegamos agora a uma das seções mais intrigantes de Atos: a história da participação de Paulo das ofertas pelos pecados no templo de Jerusalém (21:17–26). Paulo já havia escrito Gálatas<sup>1</sup>, onde afirmara: “De maneira que a lei nos serviu de aio para nos conduzir a Cristo, a fim de que fôssemos justificados por fé. Mas, tendo vindo a fé, já não permanecemos subordinados ao aio” (Gálatas 3:24, 25). Também escrevera Romanos<sup>2</sup>, onde alegara enfaticamente o seguinte:

Assim, meus irmãos, também vós morrestes relativamente à lei, por meio do corpo de Cristo, para pertencerdes a outro, a saber, aquele que ressuscitou dentre os mortos... (Romanos 7:4).

Porque o fim da lei é Cristo, para justiça de todo aquele que crê (Romanos 10:4).

Como o homem que escreveu que os cristãos não deveriam se sujeitar mais à lei, que, de fato, estavam “mortos para a lei, por meio do corpo de Cristo”, que “Cristo é o fim da lei”, poderia ainda se dispor a participar do sacrifício das oito ofertas<sup>3</sup> pelos pecados num “covil de salteadores” (Mateus 21:13)? O comentarista bíblico

Adam Clarke expressou a perplexidade que muitos de nós sentimos nas seguintes palavras:

Independentemente de como venhamos a considerar este assunto, é extremamente difícil justificar a conduta de Tiago e dos presbíteros e a de Paulo em tal ocasião. Parece haver algo nesse acordo que não compreendemos completamente<sup>4</sup>.

O caso todo é tão incongruente que certo estudioso não pôde esconder seu ceticismo:

Pode-se também acreditar que... Calvino, em seu leito de morte, consagrou um manto de ouro à Santa Mãe de Deus<sup>5</sup>, assim como o autor de Romanos e Gálatas ficou sete dias no pátio externo do templo, sujeitando-se a todas as manipulações com que a ingenuidade rabínica havia cercado o voto e permitindo que todos os atos litúrgicos sem sentido daquele tempo lhe fossem impostos por sacerdotes e levitas incrédulos<sup>6</sup>.

Obviamente, os que dentre nós crêem na integridade e na inspiração de Atos não podem escapar do problema de Atos 21:17–26 negando sua historicidade. Precisamos investigar o que Paulo fez e por que o fez. Alguns, como G. Campbell Morgan<sup>7</sup>, acharam pouca coisa defen-

<sup>1</sup>Como observado na discussão de Atos 15, em “Atos, 6”, não se sabe ao certo quando o Livro de Gálatas foi escrito, mas foi algum tempo antes do final da terceira viagem missionária de Paulo. <sup>2</sup>Como já observamos na lição “Lembra-vos dos Pobres”, Romanos foi escrito em Corinto, perto do fim da terceira viagem missionária de Paulo. <sup>3</sup>Números 6:11, 14. Como veremos, os quatro homens parecem ter feito o voto nazireu. Era necessária uma oferta pelos pecados por indivíduo após a purificação, e outra por indivíduo após o término do voto. Quatro vezes dois é igual a oito. <sup>4</sup>Adam Clarke, *The Holy Bible with a Commentary and Critical Notes* (“A Bíblia Sagrada com um Comentário e Notas Críticas”). Nova York: Abingdon Press, s.d., p. 860. <sup>5</sup>João Calvino foi um fervoroso reformador que passou a vida em conflito com a Igreja Católica. <sup>6</sup>Essa afirmação, atribuída a A. Hausrath, foi citada em Richard Longenecker, *Paul, Apostle of Liberty* (“Paulo, Apóstolo da Liberdade”). Nova York: Harper & Row, 1964, p. 246. <sup>7</sup>G. Campbell Morgan, *The Acts of the Apostles* (“Os Atos dos Apóstolos”). Grand Rapids, Mich.: Fleming H. Revell, 1988, p. 372.

sável nas atitudes de Paulo: “Sustento que Paulo cometeu, nessa ocasião, o maior erro de seu ministério”. Por outro lado, alguns crêem que o comportamento de Paulo foi altamente elogiável, totalmente compatível com todos os preceitos que ele ensinou.

Uma vez que o próprio Lucas não elogiou nem condenou a conduta de Paulo, não podemos ser dogmáticos em nossas conclusões<sup>8</sup>. Pode valer a pena, porém, tentar entender a passagem, procurando princípios que se apliquem às nossas vidas. Nesta lição, tentaremos identificar exatamente o que Paulo fez. Na lição seguinte, discutiremos por que ele fez isso.

### UMA RECEPÇÃO SATISFATÓRIA (21:17, 18)

O texto bíblico começa com a chegada de Paulo e sua equipe de viagem a Jerusalém, pouco antes do dia de Pentecostes<sup>9</sup>. Lucas escreveu: “Tendo nós chegado a Jerusalém, os irmãos nos receberam com alegria” (v. 17). “Nós” incluía Lucas, Timóteo e pelo menos seis outros cristãos gentios (20:4, 5). “Os irmãos” provavelmente consistia no anfitrião, Mnason (21:16) e um comitê de boas-vindas reunido na casa dele<sup>10</sup>. Essa recepção entusiástica talvez tenha ajudado Paulo a aliviar-se um pouco de suas ansiedades (veja Romanos 15:30, 31).

No dia seguinte, Paulo e os que vieram com ele tinham uma reunião com os líderes da igreja de Jerusalém. Essa reunião parece ter ocorrido na casa de Tiago<sup>11</sup>, meio-irmão de Jesus, considerado um pilar da igreja em Jerusalém (Gálatas 2:9)<sup>12</sup>. O versículo 18 diz: “No dia seguinte, Paulo foi conosco<sup>13</sup> encontrar-se com Tiago, e todos os

presbíteros se reuniram”.

Observe a expressão “todos os presbíteros”. Nestes estudos de Atos, temos visto a transição da liderança temporária dos apóstolos para a liderança permanente dos presbíteros. Primeiramente lemos a respeito dos “apóstolos” (2:42; 4:35, 37; 5:2; 8:1, 14; 9:27), depois, a respeito de “os apóstolos e os presbíteros” (15:2, 4, 6, 22, 23; 16:4) e, finalmente, apenas “os presbíteros” (21:18; veja também 14:23; 20:17). Se estavam em Jerusalém alguns dos doze apóstolos não sabemos. Talvez estivessem pregando em outras regiões, cumprindo a grande comissão (Mateus 28:19; Atos 1:8)<sup>14</sup>. No final, a direção da igreja foi deixada nas mãos dos presbíteros.

A expressão “Tiago, e todos os presbíteros” não significa necessariamente que Tiago não fosse um dos presbíteros. Certamente não prova que Tiago era “o bispo” da igreja ali, tendo autoridade sobre a congregação, em contraste com “os presbíteros”, que serviam numa função secundária. A.C. Hervey equivocou-se quando fez o seguinte comentário sobre Atos 21:18:

Nada pode marcar mais distintamente a posição de Tiago como bispo de Jerusalém do que essa visita de Paulo, que o achou rodeado de todos os presbíteros de Jerusalém. É uma das provas mais distintas da origem apostólica do episcopado<sup>15</sup>.

As palavras desse comentarista da Igreja da Inglaterra refletem uma falta de entendimento do ensino neotestamentário sobre o presbitério. Quando estudamos Atos 20:17, 28, vimos que os termos “presbítero” e “bispo” eram usados alternadamente na época do Novo Testamento e referiam-se ao mesmo ofício ou trabalho. O sr.

<sup>8</sup>O desafio de nossa tarefa poderia ser ilustrado pelo seminário sobre Atos da Universidade de Harding de 1989. No livro do seminário (*Acts, The Spreading Flame* [“Atos, A Chama que não se Apagou”]. Searcy, Ark.: Harding University, 1989), um palestrante disse que Paulo agiu corretamente, enquanto outro disse que Paulo agiu erradamente. Ambos os palestrantes são homens respeitados na irmandade. <sup>9</sup>Como o Pentecostes caísse no primeiro dia da semana (veja as notas a Atos 2:1 na lição “Começando de Jerusalém”), os cristãos da região teriam se reunido naquele dia para partir o pão (veja as notas a Atos 20:7 na lição “Discípulos Sonolentos”). Todavia, o v. 22 implica que ainda não haviam feito uma reunião de cristãos na região (veja as notas ao v. 22 mais adiante nesta lição). Concluimos, portanto, que Paulo chegou bem pouco antes do dia de Pentecostes. <sup>10</sup>O v. 17 me parece falar disso, mas pode ser que se trate de uma primeira reunião na casa de Tiago, enquanto o v. 18 fala de uma segunda reunião quando todos os presbíteros estavam presentes. <sup>11</sup>Tiago provavelmente era o único que permanecera em Jerusalém dos que pediram, vários anos antes, para Paulo “lembrar-se dos pobres” (Gálatas 2:9, 10), o pedido que deu origem à contribuição que Paulo arrecadou das igrejas gentias. Seria natural para Paulo levar a contribuição a Tiago. <sup>12</sup>Veja a nota de rodapé 33 da lição “Os Fechadores de Porta”. <sup>13</sup>Essa é a última vez que Lucas usou a primeira pessoa na narrativa até o relato da viagem de Paulo a Roma (27:1). Lucas talvez tenha mudado de ponto de vista para focar somente Paulo. Todavia, uma vez que Lucas viajou com Paulo para Roma, provavelmente ele permaneceu na Palestina boa parte ou todos os dois anos em que Paulo ficou preso em Cesaréia. Durante esse tempo ele deve ter feito muitas pesquisas para suas duas obras sobre a vida de Jesus e os primórdios da igreja (Lucas 1:3). <sup>14</sup>Existem muitas tradições primitivas sobre os apóstolos viajarem por todo o mundo, pregando o evangelho e estabelecendo igrejas. <sup>15</sup>A.C. Hervey, *The Acts of the Apostles* (2) (“Os Atos dos Apóstolos (2)”). The Pulpit Commentary, vol. 18. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1950, p. 172. Para um comentário semelhante, veja também Clarke, p. 859.

Hervey estava enxertando em Atos 21:18 um sistema hierárquico humano que se desenvolveu muito depois.

Deixe-me observar também que Lucas não estava necessariamente fazendo uma distinção entre Tiago e os presbíteros<sup>16</sup>. Se eu escrevesse: “Entre na casa de um dos presbíteros, e todos os presbíteros estavam lá”, você não concluiria que o primeiro presbítero mencionado não fazia parte do grupo dos presbíteros mencionados depois. Em vez disso, você concluiria que *todos* os presbíteros estavam presentes na casa *daquele* presbítero. Provavelmente é esse o caso em Atos 21:18. Concordo com Mark Black, que se referiu a “Tiago, e os *outros* presbíteros”<sup>17</sup>.

Ouçõ uma objeção: “Se Tiago era apenas um dos presbíteros, por que somente ele foi mencionado pelo nome?” Porque a casa era dele, e porque ele era bem conhecido e altamente respeitado. Observe que Tiago não é destacado nenhuma vez mais na narrativa. Do versículo 19 ao 25, pronomes pessoais no plural (“eles”, “lhes”, etc.) são usados com referência a *todos* os presbíteros.

A idéia de Lucas era que Paulo reuniu-se com “*todos* os presbíteros”. Era importante que *todos* os presbíteros estivessem presentes e que *somente* os presbíteros estivessem presentes — até que alguns problemas fossem resolvidos<sup>18</sup>.

Quando Paulo colocou-se na presença dos presbíteros, Lucas simplesmente disse que ele “os saudou” (v. 19a). Lucas não detalhou a cena<sup>19</sup>, mas foi um momento de grande importância. Para muitos presbíteros de Jerusalém, provavelmente foi a primeira vez que abraçaram irmãos gentios. Essa com certeza foi a ocasião em que Paulo e seus companheiros gentios depositaram a oferta de amor dos gentios “aos pés dos” presbíteros judeus (veja 4:35). Pela resposta geral dos presbíteros a Paulo (21:20), presumimos que

a contribuição foi basicamente bem recebida<sup>20</sup>.

### UM RELATÓRIO EMOCIONANTE (21:19)

A seguir, Paulo “contou minuciosamente o que Deus fizera entre os gentios por seu ministério” (v. 19b). Tanto o texto em português quanto o texto em grego indicam que Paulo levou um tempo considerável ao relatar metodicamente suas aventuras no mundo gentílico<sup>21</sup>. Como de costume, a Deus foi dado o crédito de tudo o que se realizara. Paulo fez isso para dar glória a Deus e para enfatizar que seu ministério tinha a aprovação de Deus. Essa não foi a primeira vez que Paulo apresentou um relatório aos presbíteros de Jerusalém (15:4). Dessa vez, porém, ele trouxe provas da eficácia de seu ministério: podia apontar para os jovens irmãos gentios que o acompanhavam.

A apresentação da contribuição, aliada ao relatório de Paulo, significava a bem sucedida conclusão da terceira viagem. A ocasião marcava o fim das famosas “três viagens missionárias” de Paulo. Ele percorrera milhares de quilômetros da metade leste do Império Romano e por mais de dez anos, estabelecendo congregações nas grandes cidades! Era o momento de saborear a vitória antes que se iniciasse uma nova fase do seu ministério.

### UMA REAÇÃO DECEPCIONANTE (21:20–22)

A reação dos presbíteros ao relatório de Paulo deve ter primeiro alegrado, e depois entristecido o coração do apóstolo. Primeiramente, “ouvindo-o, deram eles glória a Deus” (v. 20a). Vários fatos ficam estampados nessa resposta inicial: 1) viram a mão de Deus no que Paulo fizera e 2) glorificaram a Deus, não a Paulo. 3) O tempo verbal indica que essa glorificação continuou por um tempo. Imagino que Paulo e os irmãos gentios

<sup>16</sup>Pode-se ver isto na pausa que se faz através da vírgula entre “Tiago” e a expressão “e todos os presbíteros”, também presente no texto original em grego. <sup>17</sup>Mark Black, “The Vow and the Sacrifices” (“O Voto e os Sacrifícios”), *Acts, The Spreading Flame* (“Atos, A Chama que se Espalhou”) p. 221 (grifo meu). <sup>18</sup>Foi idéia de Paulo ou de Tiago que todos os presbíteros estivessem presentes? Presumo que ambos queriam todos os presbíteros presentes: Paulo queria que todos estivessem presentes quando a contribuição fosse apresentada. Tiago queria que todos estivessem presentes para dar peso à “sugestão” de que Paulo pagaria as despesas dos quatro que fizeram o voto. <sup>19</sup>Tinha outros propósitos em mente; queria que seus leitores entendessem o pano de fundo da prisão de Paulo. <sup>20</sup>Se isso melhorou a relação entre cristãos judeus e gentios, não sabemos. Já se sugeriu que Lucas não falou da contribuição por não ter atingido o propósito desejado por Paulo; isto é, ela teria sido um fracasso. Todavia, usando o mesmo raciocínio, poderíamos concluir que todas as cartas de Paulo fracassaram, já que Lucas não as mencionou. Mas é acertado dizer que Lucas mencionou o que era útil para seus propósitos e não mencionou o que não servia para seus propósitos. <sup>21</sup>Como Paulo já tivesse dado um relatório aos presbíteros de Jerusalém após sua primeira viagem (15:4), esse relatório deve ter compreendido a segunda e a terceira viagem. Se “a igreja” em 18:22 refere-se à igreja em Jerusalém, esse relatório compreendeu somente a terceira viagem.

ficaram entusiasmados; posso ver sorrisos nos rostos deles.

As primeiras palavras dos presbíteros a Paulo também foram animadoras. Disseram eles: “Bem vês, irmão”. O uso do termo “irmão” era um bom sinal. “Bem vês, irmão, quantas dezenas de milhares<sup>22</sup> há entre os judeus que creram<sup>23</sup>” (v. 20b). Queriam que Paulo soubesse que Deus não estivera operando somente entre os gentios, mas ele também operara entre os judeus. Pouco antes, Paulo escrevera sobre sua preocupação com seus compatriotas (Romanos 9:1–3). Quando ouviu a respeito dos milhares de judeus que haviam se tornado cristãos, seu coração deve ter levitado.

Mas não demorou muito para ele ser trazido de volta à terra numa forte queda — pois os presbíteros não concluíram o pensamento positivamente. A maioria de nós podemos nos identificar com Paulo. Às vezes, apresentamos a um confidente o que consideramos uma ótima idéia. Quando ouvimos uma primeira resposta positiva, ficamos exultantes. Depois, vem o “mas”, e desinflamos. Os presbíteros não usaram a palavra “mas” em sua resposta, mas bem que poderiam<sup>24</sup>.

Os presbíteros continuaram: “...e todos [as dezenas de milhares de cristãos judeus] são zelosos da lei” (v. 20c). Essas palavras devem ter deixado Paulo incomodado. Ele sabia o que significava ser zeloso da lei. Ele mesmo fora zeloso da lei antes de aprender mais (Gálatas 1:14; Filipenses 3:5–9). Os fariseus “convertidos” que outrora causaram problemas haviam sido zelosos da lei (Atos 15:5). Paulo talvez pensasse: “O que isso tem a ver com meu ministério aos gentios e meu propósito de estar em Jerusalém?”

Os presbíteros falavam de boatos que se espalharam a respeito de Paulo. Boatos são coisas

insidiosas. Shakespeare os chamou de “maledicências sórdidas”<sup>25</sup>. Certo criador de cavalos deu o nome de “Boato” a um de seus cavalos de corrida. Quando lhe perguntaram por que escolhera esse nome peculiar, ele disse: “Porque os boatos voam”. O boato que voara rápido e longe sobre Paulo era o seguinte: “...e [os judeus que creram] foram informados<sup>26</sup> a teu respeito que ensinas todos os judeus entre os gentios a apostatarem de Moisés, dizendo-lhes que não devem circuncidar os filhos, nem andar segundo os costumes da lei” (v. 21).

Como a maioria dos boatos, esse tinha um fundo de verdade, mas era falso na essência. Paulo havia enfatizado que nem judeus nem gentios poderiam ser justificados pela lei de Moisés (Romanos 3:20; Gálatas 2:16; 3:11; 5:4) e que a circuncisão nada tinha a ver com a salvação (Romanos 2:25–29; Gálatas 5:6); mas ele *não* havia lançado uma campanha para persuadir judeus a abandonarem seu judaísmo<sup>27</sup>.

Quanto aos “costumes”, ele não tinha nenhuma objeção aos cristãos judeus guardarem as tradições judaicas como parte da herança nacional, desde que essas tradições não entrassem em conflito com a verdade (Mateus 15:3) e desde que não impusessem tais tradições aos gentios<sup>28</sup>. Quanto à circuncisão, ele insistira para que Timóteo se circuncidasse para não ofender os judeus a quem desejava pregar (Atos 16:3<sup>29</sup>). Sua política declarada em relação a judeus incrédulos era: “Procedi, para com os judeus, como judeu, a fim de ganhar os judeus; para os que vivem sob o regime da lei... para ganhar os que vivem debaixo da lei” (1 Coríntios 9:20).

O boato era inverídico — e os presbíteros *sabiam* disso<sup>30</sup>. Apesar disso, os presbíteros descreveram a situação como a viam: “Que se há de fazer, pois? Certamente saberão da tua

<sup>22</sup>O grego tem literalmente “dezenas de milhares”. <sup>23</sup>Não sabemos se os presbíteros estavam se referindo ao número de judeus cristãos que moravam em Jerusalém, ao número dos que moravam na Palestina ou talvez todos os cristãos judeus que foram a Jerusalém para a festa. <sup>24</sup>Vários tradutores indicam a mudança entre os presbíteros glorificarem a Deus e sua resposta a Paulo com a palavra “então”: “Então lhe disseram...” Aparentemente, as mentes dos presbíteros estavam parcialmente concentradas no que Paulo dissera; acontecimentos subseqüentes mostram que eles haviam ido para a reunião com um assunto oculto em pauta. <sup>25</sup>Citado em Herbert V. Prochnow e Herbert V. Prochnow Jr., *A Dictionary of Wit, Wisdom & Satire* (“Dicionário de Bom Senso, Sabedoria & Sátira”). Nova York: Popular Library, 1964, p. 116. <sup>26</sup>A expressão “foram informados” é uma tradução do grego de onde deriva a palavra “catequese”. O boato repetiu-se tantas vezes que estava incutido em suas mentes. Muitos boatos odiosos já foram espalhados a respeito de pregadores do evangelho baseados na conclusão de outros e não no que os pregadores realmente disseram. <sup>27</sup>O boato baseava-se no que as pessoas pensavam que Paulo dissera, não no que ele realmente dissera. <sup>28</sup>Veja as notas a 16:1–5 na lição “Uma Nova Equipe — E Mais”. <sup>29</sup>Veja as notas a 16:3 na lição “Uma Nova Equipe — E Mais”. <sup>30</sup>O fato de o boato ser inverídico não queria dizer que não era nocivo — como bem sabia Paulo. Quando a notícia de que os ensinamentos de Estêvão sobre Jesus alterariam os costumes espalhou-se em Jerusalém (Atos 6:14), ele acabou morto e Paulo consentiu na sua morte, cooperando com ela.

chegada” (v. 22)<sup>31</sup>. O antecedente do pronome oculto “eles” são os judeus crentes presentes em Jerusalém (v. 20). O dia de Pentecostes, que caía no primeiro dia da semana, estava próximo, talvez a poucas horas. Chegando o primeiro dia da semana, todos os cristãos da região se reuniam para partir o pão (20:7<sup>32</sup>). Os presbíteros estavam perguntando: “Quando essas dezenas de milhares se reunirem, já confusos pelo que ouvirem, e virem Paulo e seus amigos gentios lá, como poderemos conter seus ânimos e evitar que reajam violentamente?”

Essa teria sido uma excelente oportunidade para os presbíteros perguntarem a *Deus*: “Que faremos?” Não há indício algum de que tenham feito isso. Poderiam ter perguntado a Paulo o que *ele* achava que deveriam fazer, mas não o fizeram<sup>33</sup>.

Se me perguntassem: “Que faremos?”, eu me sentiria tentado a mandar que comessem a agir como líderes escolhidos por Deus — e assumissem a responsabilidade! João Wesley expressou uma opinião semelhante, ao dizer: “Tiago deveria ter dito o seguinte àqueles cristãos judeus: Eu não observo a lei de Moisés; nem Pedro; nem um de vocês precisa observá-la!”<sup>34</sup> Lloyd Ogilvie revelou sua perplexidade diante da falta de liderança dos presbíteros, ao escrever: “Será que ninguém disse: ‘Basta! Acreditamos em nosso irmão Paulo e sabemos que esses boatos são falsos. Não haverá mais críticas contra seu ministério. Confiamos que o apóstolo tem observado fielmente o que concordamos ser o certo?’”<sup>35</sup>

## UMA RECOMENDAÇÃO ESPANTOSA (21:23–25)

Os presbíteros não fizeram a pergunta em

busca de informação, mas simplesmente em preparação do palco para o assunto que já tinham em pauta de antemão. Ao que parece, já haviam discutido a questão antes daquele momento, indo à casa de Tiago com um plano pronto. A “solução” deles era não fazerem nada eles mesmos, mas *Paulo* é quem cuidaria da questão. Disseram-lhe: “Faze, portanto, o que te vamos dizer” (v. 23a). Não era uma sugestão; era uma ordem<sup>36</sup>.

A “recomendação” imperativa era: “...estão entre nós quatro homens que, voluntariamente, aceitaram voto; toma-os, purifica-te com eles e faz a despesa necessária para que raspem a cabeça” (v. 23b, 24a). É presumível que os quatro homens mencionados fossem membros da igreja de Jerusalém<sup>37</sup>. O voto citado é geralmente entendido como o voto de nazireu, uma vez que os homens tinham de raspar a cabeça<sup>38</sup>.

O voto de nazireu era um voto de separação e dedicação. Poderia ser cumprido em períodos de trinta dias a uma vida inteira<sup>39</sup>. Os que faziam o voto não podiam cortar os cabelos e deveriam abster-se de todos os derivados de uvas e afastar-se de cadáveres (Números 6:2–8). Porque o versículo 26 da passagem que estamos estudando fala de “dias de purificação” e o versículo 27 especifica “sete dias”, a maioria pensa que os quatro homens haviam se contaminado com um cadáver, o que exigia um período de purificação de sete dias, após o qual deveriam raspar as cabeças e dar início ao voto novamente (Números 6:9–12). Esse período de purificação envolvia interrupção no trabalho e dinheiro para os sacrifícios. Os presbíteros estavam sugerindo que Paulo se encarregasse de todas as despesas inclusas<sup>40</sup>.

A própria purificação de Paulo devia ser

<sup>31</sup>O texto ocidental tem “E agora? *A assembleia certamente deve se reunir*, pois ouvirão que você veio” (grifo meu). A ERC reflete o texto ocidental, tendo: “É necessário que a multidão se ajunte”. Alguns entendem isso como uma referência a descrentes, mas o contexto indica que os presbíteros estavam falando de judeus cristãos. <sup>32</sup>Veja as notas a Atos 20:7 na lição “Discípulos Sonolentos”. <sup>33</sup>Pelo menos, poderiam ter discutido a questão com Paulo e os outros presentes, antes de chegarem a uma conclusão. <sup>34</sup>Citado em James Burton Coffman, *Commentary on Acts* (“Comentário de Atos”). Austin, Tex.: Firm Foundation Publishing House, 1976, p. 408. <sup>35</sup>Lloyd J. Ogilvie, *The Communicator’s Commentary* (“O Comentário do Comunicador”), vol. 5, *Acts* (“Atos”). Dallas: Word Publishing, 1983, p. 304. <sup>36</sup>O verbo está no modo imperativo no grego. <sup>37</sup>Também é possível que os presbíteros tivessem trazido os quatro homens para a reunião (v. 26). <sup>38</sup>Compare essa ocasião com o voto de Paulo mencionado em 18:18. De acordo com Números 6:18, a cabeça era raspada no fim do voto, não no início; fazia-se isso no local do sacrifício somente. O voto dos quatro homens parece definitivamente ser o voto de nazireu, enquanto o voto de Paulo permanece como um enigma. <sup>39</sup>Dois que fizeram voto de nazireu por toda a vida foram Sansão e João Batista. <sup>40</sup>Os escritores conjecturam onde Paulo teria arranjado o dinheiro para “pagar as despesas”, uma vez que, geralmente, ele estava sem dinheiro. Alguns sugerem que os presbíteros o autorizaram a usar parte das arrecadações para os santos para esse propósito, mas isso seria uma apropriação indevida dos fundos e não imagino que Paulo tenha concordado (2 Coríntios 8:20, 21). Como Paulo tivesse mais tarde verba para alugar uma casa em Roma por dois anos (Atos 28:30), alguns especulam que ele teria recebido uma herança nessa época. Não é uma questão muito relevante. Provavelmente, Paulo conseguiu o dinheiro como ele costumava — trabalhando ou através de irmãos generosos.

uma simples purificação cerimonial para que se permitisse sua entrada no templo<sup>41</sup>. O fato de Paulo passar pelo processo de purificação ao mesmo tempo que os quatro homens (na mente dos presbíteros) seria uma demonstração da dedicação de Paulo à lei.

Não existe necessidade de mergulharmos nos detalhes do voto ou do que ocorreu exatamente em Atos 21:23–27<sup>42</sup>. No que diz respeito ao nosso estudo, o aspecto mais significativo do voto de nazireu é que ele envolvia sacrifícios, incluindo *as ofertas pelos pecados*: após purificar-se, para reassumir seu voto a pessoa tinha de levar dois pombos ao sacerdote, e este oferecia “um para oferta pelo pecado, e um por oferta queimada” para “*expição dos seus pecados*” (Números 6:11; grifo meu). Quando a pessoa finalmente concluía o voto, entre outros sacrifícios, ela trazia “um cordeiro de um ano, sem defeito, em holocausto, e uma cordeira de um ano, sem defeito, para oferta pelo pecado, e um carneiro, sem defeito, por oferta pacífica” (Números 6:14; grifo meu).

Depois de “aconselharem” Paulo a pagar as despesas dos quatro homens, os presbíteros disseram: “...saberão todos que não é verdade o que se diz a teu respeito; e que, pelo contrário, andas também, tu mesmo, guardando a lei” (v. 24b). Será que Tiago enrubesceu um pouco quando ele e os demais presbíteros falaram em “guardar a lei”? Oito anos ou mais antes, durante uma reunião especial em Jerusalém, Tiago e os presbíteros haviam concordado com Pedro, quando o apóstolo referiu-se à lei com as seguintes palavras: “um jugo que nem nossos pais puderam suportar, nem nós” (15:10b)<sup>43</sup>. Agora, eles estavam “pedindo” a Paulo que convencesse os amigos cristãos que ele ainda estava comprometido com esse jugo e disposto a carregá-los ombros!

Os presbíteros parecem ter reconhecido que sua proposta poderia ser considerada um retrocesso da decisão tomada naquela reunião ante-

rior, pois apressaram-se em confirmar que mantinham o seguinte julgamento: “*Quanto aos gentios que creram*, já lhes transmitimos decisões para que se abstenham das coisas sacrificadas a ídolos, do sangue, da carne de animais sufocados e das relações sexuais ilícitas” (21:25; grifo meu). (Veja também 15:20, 29<sup>44</sup>.) Em outras palavras: “Nosso pedido não envolve cristãos gentios. O que estamos pedindo para você fazer é para o bem dos cristãos judeus somente”.

Compreendo a posição dos presbíteros de Jerusalém. Vivendo no coração do judaísmo, enfrentavam uma tarefa quase impossível. Os judeus em geral nunca faziam distinção entre a religião deles e as dos outros povos<sup>45</sup>. Isso se aplica aos tempos bíblicos e ainda aos dias de hoje. Para o judeu comum, pedir-lhe que desistisse da lei era (e é) pedir-lhe que desistisse de ser judeu. Sem dúvida, os presbíteros pensaram: “Se falarmos contra a lei, teremos problemas na congregação e jamais conseguiremos influenciar nossos amigos e vizinhos”.

Por outro lado, não posso deixar de pensar que os presbíteros de Jerusalém estavam se acomodando demais tanto àquela sociedade como à facção presa à lei dentro da igreja (15:5; Gálatas 2:11, 12). Duvido que os presbíteros tenham estimulado uma pregação agressiva como a que Paulo fazia nas sinagogas judaicas por toda parte — pregação que lhe trouxera açoitamentos (sendo até expulso) nessas sinagogas (observe 2 Coríntios 11:24)<sup>46</sup>. O desafio de viver “em paz com todos os homens” (Romanos 12:18b) sem comprometer a verdade (Provérbios 23:23) nunca é fácil. Não foi fácil em Jerusalém; não é fácil onde você vive.

## UM RESULTADO SUPREENDENTE (21:26, 27)

Como Paulo reagiu quando os presbíteros lhe disseram o que fazer? Será que ele protestou: “Quem são vocês para me darem ordens?” Será

<sup>41</sup>Para purificações cerimoniais típicas, veja Levítico 15:1–30. Não há indicação de que Paulo tenha feito o voto de nazireu junto com os quatro homens, e certamente não estava concluindo um voto feito anos atrás (18:18). Com frequência, quando os judeus voltavam de países gentios, passavam por um processo de purificação. Talvez algo semelhante estivesse envolvido na purificação de Paulo. Talvez exigiu-se tal processo antes que ele entrasse no templo e falasse com os sacerdotes. <sup>42</sup>Como sempre, Lucas parece ter comprimido os fatos, de modo que não podemos ter certeza do que aconteceu exatamente. O propósito de Lucas não era fornecer detalhes do voto dos quatro homens, mas explicar como Paulo acabou sendo preso. <sup>43</sup>Tiago estava presente quando Pedro fez a afirmação (15:13); e no v. 25, os presbíteros identificaram-se como os que escreveram a carta redigida durante a reunião de Atos 15. <sup>44</sup>Veja as notas a Atos 15:20 na lição “Mais Dicas sobre como Lidar com Controvérsias”. <sup>45</sup>Veja as notas sobre a “singularidade do judaísmo”, na lição “Paulo, Como Você *Podê*?”. <sup>46</sup>Nas próximas lições, veremos os sermões de Paulo aos judeus em Jerusalém e seus líderes, sermões em que extravasou sua ira. Obviamente, não estavam acostumados a ouvir esse tipo de pregação dos cristãos judeus de Jerusalém.

que declarou: “Vocês são os líderes desta congregação. Cuidar dessa questão é responsabilidade de vocês, não minha”? Será que levantou uma objeção: “É verdade que tenho uma política de ‘guardar a lei’ em certas circunstâncias, mas essa política é só com o propósito de ganhar judeus *incrédulos*<sup>47</sup>, não para mimar judeus cristãos”? Será que ele observou que aquele curso de ação proposto poderia ser usado pelos que impunham a lei (Atos 15:5) como “prova” de que Paulo concordava com eles?

Os presbíteros puseram Paulo num beco sem saída. O apóstolo fora a Jerusalém para promover a paz na irmandade, mas os presbíteros estavam lhe dizendo que sua chegada estava promovendo desarmonia. A situação era inescapável. Se recusasse prosseguir com o plano dos presbíteros, poderia ser acusado de incitar a discórdia na igreja; se concordasse com a proposta deles, poderia ser acusado de inconsistência.

Lucas não registrou a resposta mental ou verbal de Paulo ao plano dos presbíteros. Seu propósito era narrar sucintamente a seqüência dos fatos que resultaram na prisão de Paulo. Ele registrou simplesmente o surpreendente, quase inexplicável, desfecho: “Então, Paulo, tomando aqueles homens<sup>48</sup>, no dia seguinte, tendo-se purificado com eles, entrou no templo<sup>49</sup>, acertando o cumprimento dos dias da purificação, até que se fizesse a oferta em favor de cada um deles” (21:26).

Os quatro homens não teriam permissão para entrar no templo até que os sete dias de purificação se cumprissem, mas a purificação cerimonial de Paulo levaria apenas um dia ou mais<sup>50</sup>. Ele podia entrar no templo conforme sua vontade, preparando os sacrifícios a serem oferecidos no fim dos sete dias de purificação dos quatro homens.

Dois outros fatos devem ser notados: 1) Paulo não terminou o que começou. O versículo seguinte observa que “*quando já estavam por findar os sete dias, os judeus vindos da Ásia, tendo visto Paulo no templo, alvoroçaram todo o povo e o agarraram*” (v. 27; grifo meu).

Judeus não cristãos agarraram Paulo antes que os sacrifícios fossem de fato oferecidos (os sacrifícios aconteciam no *final* dos sete dias). Será que Deus deu uma mão na cronologia dos fatos, impedindo que Paulo participasse realmente do sacrifício de sangue? Este é um pensamento interessante. 2) Em vez de evitar problemas como desejavam os presbíteros, a atitude de Paulo antecipou problemas. Não sabemos se suas idas ao templo tranqüilizaram os judeus crentes<sup>51</sup>, mas sabemos que elas enfureceram os judeus incrédulos — e resultaram na sua prisão.

## CONCLUSÃO

Na próxima lição, trataremos das razões por que Paulo concordou em fazer o que os presbíteros pediram — e se ele estava certo ou errado. Independente de Paulo estar certo ou errado, podemos aprender várias lições desta passagem:

Podemos aprender lições sobre os relacionamentos na igreja: uma lição é que o que um membro faz afeta todos os membros. Outra lição é que não importa o que você faça, não agradará a todos. Ainda há outra lição: que sempre haverá alguns que estão prontos para acreditar no pior e espalhar isso aos outros. Para equilibrar esses pensamentos negativos está o exemplo de Paulo, que estava preocupado com o que os outros pensavam e disposto a fazer o que fosse necessário para promover a harmonia na igreja. Podemos aprender com Paulo a amar a igreja apesar de suas imperfeições.

Também podemos aprender lições sobre aconselhamento — tanto dar conselhos quanto recebê-los. Por um lado, devemos ser cautelosos ao dar conselhos; é muito mais fácil dizer aos outros o que fazer, quando a vida deles, e não a nossa, será afetada. Fico pensando se os presbíteros se arrependeram de pressionar Paulo. Será que durante os cinco anos seguintes, algum deles disse: “Se não fosse por causa de nós, Paulo não estaria preso. Estaria fora pregando o evangelho”? Por outro lado, devemos ser cautelosos

<sup>47</sup>Veja 1 Coríntios 9:20. <sup>48</sup>Parece que os homens estavam presentes na reunião, ou pelo menos foram levados para lá quando os presbíteros fizeram sua “sugestão”. <sup>49</sup>A palavra “templo” refere-se aqui à parte sagrada do templo, não meramente ao complexo de todo o templo que incluía o pátio dos gentios. Veja a planta do templo na lição “E Julgavam”. <sup>50</sup>Novamente, Levítico 15:1–30 descreve o tipo de cerimônia de purificação em questão. <sup>51</sup>Como os judeus da Ásia pegaram Paulo perto do fim do período de sete dias, uma reunião no primeiro dia da semana deve ter acontecido com os cristãos de Jerusalém entre o momento em que Paulo se reuniu com os presbíteros e o momento em que ele foi preso. O que aconteceu nessa reunião? Foi uma reunião tumultuada, ou prevaleceu a razão? Gostaríamos de saber — mas, novamente, a intenção de Lucas não era satisfazer a nossa curiosidade.

ao aceitar conselhos. Todo conselho deve ser pesado duas vezes: na balança inspirada da verdade de Deus e na balança prática das possíveis conseqüências.

Talvez de maior importância sejam as lições sobre a sabedoria e a graça de Deus: se Paulo cometeu um erro ou não, Deus usou a situação para Seus planos e propósitos. O incidente seguinte cumpriu a profecia de que cadeias espe-

ravam por Paulo em Jerusalém (20:22, 23) e deu início à seqüência de acontecimentos que mais tarde resultaram na chegada de Paulo a Roma. É confortante saber que, desde que nossos motivos sejam puros e nossos corações permanecem em Deus, Ele pode agir em nossas vidas, mesmo quando cometemos erros ao julgar uma questão. Quando reflito em quantas vezes tenho errado, sou grato por servir a um Deus gracioso! ❖

Autor: *David Roper*

Série: *Atos*

© Copyright 2002, 2003 by A Verdade para Hoje  
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS